

CDU 061.62::3.001.891

QUATRO DÉCADAS DE TRABALHO CIENTÍFICO:
A CONTRIBUIÇÃO DO INSTITUTO DE PESQUISAS SOCIAIS
DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA SOCIAL

Clóvis Cavalcanti

Superintendente do Instituto de
Pesquisas Sociais da Fundação
Joaquim Nabuco

A Dirceu Pessoa,
Gilberto Freyre,
Mauro Mota

— *in memoriam.*

1. INTRODUÇÃO

A intenção deste trabalho não é propriamente de fazer uma avaliação da produção científica da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) — cujos quarenta anos de vida se comemoram agora —, através de um exame dos esforços empreendidos nessas quatro décadas pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), transformado em 1980 na FUNDAJ, e pelo Instituto de Pesquisas Sociais (INPSO), seu sucessor mais direto ^{1/}. Uma tal avaliação exigiria grande dose de investigação prévia, obrigando ao levantamento de dados em arquivos, relatórios, entrevistas com pesquisadores de dentro e de fora da FUNDAJ, etc. Não é isso o que se tem aqui, mas apenas uma consolidação do material informativo disponível acerca dos trabalhos realizados no

IJNPS e no INPSO. Ademais, uma avaliação da produção científica da Fundação Joaquim Nabuco deveria ser empreendida por pessoa de fora, e não por alguém, como o autor deste trabalho, que, desde 1966, mantém alguma espécie de vínculo com a entidade **2/**. Na verdade, a idéia de uma avaliação do INPSO parece das mais relevantes, como forma de saber em que medida o Instituto tem correspondido às expectativas da sociedade, tendo em vista seu compromisso estatutário de contribuir para a melhoria das condições de vida da população do Norte e do Nordeste do Brasil, especialmente do trabalhador rural **3/**.

No restante desta comunicação, faz-se inicialmente uma referência necessária às fontes dos dados utilizadas (seção 2). Em seguida, examinam-se em bloco as pesquisas realizadas no período 1949-1989 pelo IJNPS e pelo INPSO (seção 3). Os grandes temas abordados nessas pesquisas, com a distribuição das mesmas por assunto, são apresentados a seguir (seção 4). Na seção 5 tenta-se aquilatar um tanto superficialmente a contribuição da FUNDAJ ao desenvolvimento da pesquisa social no Brasil. Finalmente, algumas conclusões são oferecidas a título de arremate na seção 6. Todo o material aqui utilizado resulta de penosa atividade de consulta a arquivos, realizada pela pesquisadora Helena Simões Duarte, do Departamento de Estatística Aplicada do INPSO. Helena, além de sua aptidão natural para a pesquisa, teve em seu auxílio o fato de haver ingressado no antigo IJNPS, quando ainda estudante secundária, em 1962. Sem esse seu esforço e seu conhecimento da instituição, não teria sido possível para o autor dispor do material que serve de base ao presente trabalho.

2. OS DADOS UTILIZADOS: FONTES E IMPERFEIÇÕES

Normalmente, é de se esperar que em um estudo sobre uma organização de pesquisa, feito de seu interior, por pessoal próprio, não se encontre nenhum tipo de dificuldade no tocante ao levantamento dos dados básicos. Afinal, pode-se aí ter acesso fácil a arquivos, conhece-se onde buscar informações, dispõe-se de **know how** sobre a vida da instituição. Este, evidentemente, é o pressuposto com respeito ao autor da presente comunicação. Pressuposto natural, dada inclusive sua condição de gestor, desde algum tempo, da pesquisa na organização. O pressuposto confere com os fatos, mas só a partir de certa data, mais ou menos meados a fins

da década de sessenta, porque, antes disso, o conhecimento guardado em arquivos na Fundação é muito fragmentado, esparso e incompleto. Não havia formas sistemáticas, anteriormente, de armazenar dados sobre os trabalhos que se realizavam no IJNPS. Não era comum as pesquisas serem precedidas da elaboração de um projeto, com registro de objetivos, metodologia, roteiro de trabalho, tipo de produto final, cronograma, orçamento. Os estudos se faziam orientados pelas idéias de seu autor principal e, muitas vezes, sequer dispunham de um título de referência, de uma palavra-chave com a qual se pudessem alcançá-los em algum arquivo. Por outro lado, nem sempre se consegue encontrar os relatórios resultantes de muitas pesquisas feitas, cujos autores guardavam uma cópia em carbono (não havia as modernas fotocopiadoras populares de agora) para si, em seus arquivos privados, entregando as demais a interessados. Essa realidade sem modelo sistemático, dos trabalhos iniciais do IJNPS, vai permanecer enquanto a instituição não está completamente estruturada, enquanto seus quadros ainda se encontram em formação, enquanto não se profissionalizam as atividades de pesquisa. O próprio fundador do IJNPS, Gilberto Freyre, não era um homem de métodos ortodoxamente assépticos de investigação. Ele nunca dispunha, na confecção de suas obras, de um plano ordenado, de um projeto minucioso, de uma estimativa de custos 4/. Trabalhava com um esboço do projeto, em mente e rascunhado em papéis diversos, muito embora suas intenções se nortegassem por bem delineados propósitos gerais de investigação, dentro do arcabouço de uma obra esculpida no ateliê de idéias em que se movia sua criação intelectual. Esse seu anarquismo tendia a espalhar-se dentro do grupo pioneiro de pesquisadores, todos amigos seus, que se incorporou ao Instituto Joaquim Nabuco. Além disso, vale ressaltar que, nem sempre, as pesquisas encetadas nos primeiros tempos da instituição terminavam em publicações e que alguns dos primeiros trabalhos publicados do IJNPS não resultavam de pesquisas, no sentido mais ortodoxo do termo 5/. Tudo isso torna complicada a tarefa de fazer um levantamento completo de quanto se produziu na instituição, especialmente nos primeiros quinze anos de suas atividades.

Apesar dos óbices antes referidos, a pesquisadora Helena Simões vasculhou todos os arquivos existentes na Fundação Joaquim Nabuco à cata de dados sobre a produção científica da instituição desde seus albores. Pesquisou também na Biblioteca Blanche Knopf, da FUNDAJ; consultou a

revista periódica **Boletim do IJNPS**, cujo primeiro número é de 1952 (mais tarde, em 1973, **Ciência & Trópico**); foi aos alfarrábios dos departamentos do INPSO; conversou com informantes potenciais. Esta atividade produziu frutos confiáveis, mas no que tange especialmente ao período posterior a 1970, inclusive porque, aos poucos, a partir daquele ano, passou-se a obedecer no IJNPS a procedimentos organizacionais mais modernos de classificação e guarda de documentos, o que, obviamente, facilita o retorno às fontes. Geralmente, os relatórios de pesquisa mais recentes estão disponíveis em algum lugar — muitos deles havendo sido depositados na Biblioteca, prática que se tornou obrigatória, em tese, com a transformação do IJNPS em FUNDAJ. Antes de 1970, entretanto, as informações sobre as pesquisas efetuadas sofrem de muitas lacunas. É provável que certas pesquisas hajam sido realizadas e tudo se passe como se elas jamais houvessem existido. Sobre outras, tem-se uma ou outra alusão, mas desconhecem-se parâmetros básicos a seu respeito, inclusive, em alguns casos, o título definitivo do trabalho. Mas até com respeito a pesquisas mais recentes, ainda subsistem dificuldades. Por exemplo, um vasto estudo coordenado pelo autor desta comunicação, "Diagnóstico sócio-econômico do Vale do Parnaíba" (executado entre janeiro de 1973 e fevereiro de 1974), que envolveu grande equipe de pesquisadores, terminou sem que dele se possa encontrar hoje o relatório final completo. Curiosamente, a própria organização que o financiou, o IPEA/IPLAN, informa não dispor tampouco do produto final da pesquisa **6/**.

Convém sublinhar que o início de funcionamento efetivo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais não se seguiu imediatamente à sanção da lei que o criou, em julho de 1949. Isto só aconteceu em janeiro de 1951. Houve um período preliminar de providências para indicação do primeiro diretor executivo da instituição (a qual recaiu no historiador da invasão holandesa José Antônio Gonsalves de Mello, neto). Houve os esforços de instalação do IJNPS, que iria funcionar autonomamente, sem vínculos formais com instituições de sua cidade-sede, o Recife. Houve a iniciativa de congregar a primeira equipe de pesquisadores do Instituto, um número bastante pequeno de pessoas, até porque, na ocasião, não era larga a formação de investigadores sociais no país **7/**. Por sua vez, o IJNPS não funcionava em regime de tempo integral e, muito menos, de dedicação exclusiva de seus servidores. Seu pessoal inicial, com exceção da maioria do

corpo burocrático, era constituído de indivíduos que exerciam atividades profissionais em outros setores de trabalho, tais como colégios secundários, universidades, jornais, órgãos públicos, consultórios, etc. Assim, dedicavam ao Instituto apenas um expediente, muitas vezes sem mesmo permanecerem na instituição o horário inteiro a que estavam teoricamente obrigados. No fundo, não se verificava ainda a existência na região, nos primeiros anos do IJNPS, de uma mentalidade de pesquisa social institucionalizada. O modelo gilbertiano do pesquisador solo, com seu equipamento artesanal — modelo esse que funcionava —, tendia a prevalecer. Dessa maneira, a preocupação com a observância de certas regras, hoje tidas como banais — como a elaboração de projetos de pesquisa —, não ocorria, prejudicando o registro do trabalho levado então a cabo.

Além dessas deficiências, os dados utilizados nesta comunicação padecem de outros senões. Um deles concerne a informações imprecisas. Ou seja, mesmo no caso de existência de dados (projetos, relatórios, etc.), nem sempre o material disponível é da melhor qualidade. Para separar o joio do trigo, seria necessário um exame detido de todas as fontes consultadas, uma leitura pausada de textos de relatórios e informes de pesquisa. A dificuldade aqui diz respeito, inclusive, à exata classificação do que se deve considerar como pesquisa para os fins de uma análise cientificamente idônea. Não basta a indicação de um documento burocrático de que tal ou qual pesquisa foi feita. Deve-se penetrar nos arquivos do trabalho empreendido para aferir se, de fato, ele constitui uma pesquisa no sentido rigoroso do termo. Não poucas vezes, uma atividade reportada como pesquisa na FUNDAJ pode reduzir-se à intenção de efetuar uma investigação ou não passar de consulta à bibliografia — consulta que pode ser bastante parcial. Há o perigo também de uma atividade de investigação ser indicada por mais de um departamento, ao mesmo tempo, como lhes pertencendo, no caso de estudos multidepartamentais freqüentes na FUNDAJ. Nestes casos, teve-se o cuidado, durante o levantamento que precedeu esta comunicação, de se evitar a dupla contagem, situando-se o trabalho exclusivamente no departamento que o tenha coordenado. E quanto à definição de se um trabalho específico é ou não pesquisa de acordo com o figurino convencional, tomaram-se os devidos cuidados para não se confundir coelho com lebre. Mas é possível que as informações a serem analisadas a seguir, incluam em seu rol um ou outro

trabalho que não devesse ser classificado exatamente como pesquisa. A preocupação subjacente aqui, sem embargo, é de só levar em conta o que, em inglês, se chamaria de **major researches** (pesquisas maiores). Pelo menos foi assim que se planejou esta comunicação.

3. AS PESQUISAS REALIZADAS PELO IJNPS E PELA FUNDAJ, 1949-1989

No Quadro 1 tenta-se quantificar a produção de pesquisa por departamento do IJNPS e do INPSO. Subentende-se, evidentemente, que só estejam arrolados na tabela aqueles estudos que se enquadram numa classificação mais rígida de pesquisa. Assim, rigorosamente, no período que vai de 1949 a 1960, apenas uma única investigação teria sido efetuada no Instituto Joaquim Nabuco — seria a pesquisa “Sincretismo religioso afro-brasileiro”, coordenada pelo antropólogo Waldemar Valente, no Departamento de Antropologia, a partir de 1955. Os demais departamentos (na época, eram Economia, Estatística, História Social, Psicologia Social e Sociologia) não teriam produzido nada que se enquadrasse ortodoxamente nos moldes da pesquisa social. Na verdade, nessa primeira fase do IJNPS, alguns trabalhos notáveis foram realizados **8/**, mas sem o perfil e, mesmo, sem os propósitos da pesquisa social que ora se pratica. Foram mais do tipo monografias, ensaios, conferências, textos para seminários. Nessa fase, com efeito, o IJNPS funcionou muito como fórum de debates, enquanto ia consolidando suas equipes de investigadores. O fato de a maioria destes, como já foi mencionado, trabalhar na organização em tempo parcial condicionou uma atividade truncada, que não era exatamente de pesquisa. Nessa ocasião, convém notar também, praticamente inexistia a pesquisa social institucionalizada no Nordeste do Brasil **9/**. Essa falta de tradição, evidentemente, influiu para que demorasse o **take-off** das atividades de investigação do IJNPS.

De acordo com o Quadro 1, isto vai acontecer a partir de 1961, quando, lentamente, começa a se avolumar a pesquisa, situada, a princípio, apenas nos Departamentos de Antropologia e Estatística (a denominação de Estatística Aplicada, do último, com ênfase em demografia, só vai ocorrer em 1983). O crescimento da produção científica do IJNPS obedece a um ritmo em que, por década e por lustro, de 1960 em diante, se observa a seguinte evolução **10/**:

Quadro 1

INSTITUTO DE PESQUISAS SOCIAIS DA FUNDAJ: PESQUISAS REALIZADAS, POR DEPARTAMENTO, POR ANO DE REGISTRO NOS ARQUIVOS - 1949 - 1989

	Departamentos										Total
	Antr.	C. Pol a/	Geog	Econ	Educ b/	Estat Aplic	Hist Soc c/	Psic Soc d/	Soc.	Unid Cent a/	
1949	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
51	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
52	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
53	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
54	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
55	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
56	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
57	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
58	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
59	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1960	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
61	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2
62	1	-	-	-	-	2	-	-	-	-	3
63	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	3
64	1	-	-	-	-	2	-	-	-	-	3
65	1	-	-	-	-	2	-	-	-	-	3
66	3	-	-	-	-	1	-	1	1	-	6
67	2	-	-	1	-	5	-	-	-	-	8
68	2	-	-	2	-	4	-	-	-	-	8
69	-	-	-	1	-	-	3	1	-	-	5
1970	1	-	-	2	-	-	2	1	-	-	6
71	1	-	2	-	-	-	-	-	-	-	3
72	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2
73	3	-	3	1	-	-	-	-	1	-	8
74	1	-	3	1	-	1	-	-	-	-	6
75	2	-	2	-	-	-	1	1	-	-	6
76	2	-	2	1	5	-	1	-	2	-	13
77	1	-	-	2	1	1	-	-	-	-	5
78	2	-	3	3	2	2	1	-	1	-	14
79	2	-	2	2	2	-	-	-	-	-	8
1980	3	-	-	-	-	1	-	-	-	-	4
81	1	-	1	2	1	1	-	-	-	1	7
82	3	-	1	1	2	-	-	-	-	-	7
83	1	3	2	6	9	2	-	-	2	-	25
84	2	-	1	3	8	2	-	-	3	1	20
85	3	1	2	4	6	7	-	-	2	-	25
86	2	7	2	1	3	3	-	-	2	-	20
87	3	2	2	4	6	2	-	-	-	1	20
88	8	4	4	6	-	1	-	-	2	1	26
89	4	5	1	2	1	1	-	-	-	1	15
Total	60	22	34	45	46	42	8	4	16	5	282

Fonte: FUNDAJ (arquivos)

Notas: a/ Criado em 1980

b/ Criado em 1976

c/ Extinto em 1980

d/ Extinto em 1976, absorvido pelo Dep. de Educação

década	pesquisas realizadas	quinquênio	pesquisas realizadas
1960-69	41	1960-64	11
1970-79	71	1965-69	30
1980-89	169	1970-74	25
		1975-79	46
		1980-84	63
		1985-89	106

Trata-se de evolução ascendente, com acentuado ritmo no final do período e uma quebra da aceleração apenas em 1970-1974. A atividade de pesquisa, assim, é um fenômeno que ainda não completou trinta anos na FUNDAJ, apesar de seus alicerces, de seu apoio logístico, de sua atmosfera propícia — incluindo a formação do acervo da biblioteca da instituição — terem raízes que vão muito atrás no tempo, à década de construção dos anos cinquenta.

Observando-se o total das pesquisas conduzidas pelo IJNPS e pelo INPSO — 282, ao todo, como mostra o Quadro 1 —, pode-se considerá-lo tanto pequeno como grande, dependendo, é claro, dos parâmetros de referência utilizados. Se se tem em conta, por exemplo, que, até 1972, o IJNPS não funcionava em tempo integral e que, em 1970, havia 25 pesquisadores efetivos de tempo parcial em seis departamentos (em 1956, eram menos de cinco), 282 não é um número inexpressivo. Alternativamente, se se toma como tela de confronto o quadro de uma universidade estrangeira e se considera que, em 1989, há cerca de 80 pessoas de tempo integral engajadas em pesquisa social na FUNDAJ, com 8 pesquisadores de nível sênior, 282 seria insuficiente. Mas é preciso considerar também, por outro lado, qual o tempo médio de duração das pesquisas noticiadas pelo Quadro 1, atributo sobre o qual a tabela é omissa. A esse respeito, como as informações compulsadas deixavam dúvidas para cálculos de valores médios, colocou-se de lado a referência da duração dos projetos de pesquisa. Mas não é comum que as pesquisas da FUNDAJ durem menos de um ano. Um ano e meio a dois seria talvez um prazo modal. Como o Quadro 1 oferece apenas o ano de registro nos arquivos, de cada projeto (é possível que, em alguns casos, o ano mostrado seja o do início e, em outros, o da conclusão da pesquisa), a tabela não espelha o volume

efetivo de trabalho realizado por ano. Nem isso, deveras, é o propósito declarado do Quadro 1. O que a tabela pretende oferecer é o que se poderia classificar como a produção de pesquisas do IJNPS-INPSO em quarenta anos de atividades. Essa produção, quantitativamente falando, mostra haver tendido a crescer, de um ano para outro, de um quinquênio — e de uma década — para outro, estabilizando-se no nível de vinte novas pesquisas por ano no decênio de oitenta.

Por departamento 11/, com óbvias oscilações maiores, o fenômeno, aproximadamente, se reproduz. Destaca-se, neste particular, em termos numéricos, a atuação do departamento de Antropologia — onde se situam um núcleo central e três centros de estudos (do folclore, do imaginário e de assuntos afro-brasileiros) —, com 60 pesquisas realizadas a partir de 1955. Departamentos que igualmente se sobressaem em produção de pesquisa são os de Educação, Economia, Estatística Aplicada e, para seu pouco tempo de existência, Ciência Política. É interessante ver, acerca da produção dos departamentos, que Antropologia e Educação trabalham principalmente por iniciativa própria, ou seja, sem atividade de encomenda ou financiada, enquanto que Economia, Ciência Política e Estatística Aplicada, ao contrário, fazem, com mais frequência, pesquisa em convênio, por solicitação de organizações externas ou por iniciativa dos próprios departamentos, que obtêm financiamento externo para suas investigações. Os números a respeito são fornecidos pelo Quadro 2, segundo o qual o Departamento de Economia lidera a captação de recursos para os seus trabalhos: praticamente, nove em cada dez pesquisas do departamento têm financiamento externo. Já Antropologia e Educação apresentariam relação inversa: quase nove em cada dez de suas pesquisas não contam com apoio do exterior, ou seja, são pesquisas “próprias”. Daí, provavelmente, ambos apresentarem o maior rendimento quantitativo global, como informa o Quadro 1, uma vez que suas investigações tenderiam a absorver menor número de pesquisadores por pesquisa, liberando mais pessoal para a condução de estudos próprios. Normalmente, os trabalhos feitos em convênio exigem mobilização maior de pessoal, sobretudo para a elaboração de documentos e o cumprimento de prazos rígidos. Em termos do INPSO como um todo, existe certo equilíbrio entre pesquisa “própria” e pesquisa em convênio, conforme faz ressaltar o Quadro 2, tendência que encontra sua epítome na produção do Departamento de Sociologia (metade das pesquisas em convênio e metade, “próprias”).

4. OS GRANDES TEMAS ABORDADOS

Gilberto Freyre, no discurso do dia 4 de dezembro de 1948, na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, em que justificava a criação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, afirma que a organização que estava propondo não deveria ter interesse puramente acadêmico ou representar “uma casa de antiquários em ponto grande” 12/. Segundo ele, o IJNPS deveria ser “um centro de estudo vivo, de pesquisa de campo, [...] no qual se estude o homem regional das zonas rurais”, visando um conhecimento “antropométrico, etnológico, etnográfico, folclórico, sociológico e econômico” 13/, tudo com vistas à mobilização de “competências especializadas para a obra comum de ‘democratizar-se o solo’, como dizia Nabuco, libertando-se, assim, nossas populações rurais mais retardadas, das sobrevivências feudais ou medievais, de servidão, de miséria, de ignorância [...], sob orientação científica” 14/. Essas observações, incorporadas à lei que instituiu o IJNPS e ao decreto por autorização legislativa que o transformou em Fundação Joaquim Nabuco, constituem ainda hoje o cerne das preocupações de investigação do IJNPS e seu objetivo principal, inclusive em termos de definição de suas linhas de pesquisa 15/. Resta saber se, na prática, têm aquelas diretrizes funcionado como bússola para o que se faz na FUNDAJ em termos de investigação social.

A resposta a esse questionamento aparece através do Quadro 3, que tenta agrupar as 282 pesquisas da vida da organização por grandes temas. Vale, inicialmente, abrir aqui um parêntesis com relação à delimitação dos assim chamados “grandes temas” do Quadro 3. A idéia foi de, examinando-se uma a uma cada pesquisa, enquadrá-las em um campo de investigação que caracterizasse da melhor forma possível cada pesquisa em questão, agrupando-a junto com estudos de natureza semelhante, quanto ao conteúdo essencial, sob um mesmo cabeçalho generalizante. Evidentemente, esse é o procedimento paradigmático em casos de identificação qualitativa de elementos de um conjunto variado. Cria-se uma categoria e tenta-se fazer recair dentro dela tudo o que satisfaz em termos de alguns parâmetros de referência. No caso da lista individual de pesquisas da FUNDAJ, foi-se estabelecendo um mapa em que cada região constituía um “grande tema”, localizando-se em cada uma delas os trabalhos de cunho assemelhado, com afinidades demarcadas pelo assunto central,

Quadro 2

INSTITUTO DE PESQUISAS SOCIAIS DA FUNDAJ: PESQUISAS REALIZADAS, "PRÓPRIAS" E EM CONVÊNIO, POR DEPARTAMENTO — 1949-1989

Departamento	Pesquisas "próprias" a/	Pesquisas em convênio b/	Total
Antropologia	52 (86,7%)	8 (13,3%)	60
Ciência Política	7 (31,8%)	15 (60,2%)	22
Ciências Geográficas . .	9 (26,5%)	25 (73,5%)	34
Economia	5 (11,1%)	40 (88,9%)	45
Educação	40 (87,0%)	6 (13,0%)	46
Estatística Aplicada . .	16 (33,1%)	26 (61,9%)	42
História Social	8 (100,0%)	—	8
Psicologia Social	4 (100,0%)	—	4
Sociologia	8 (50,0%)	8 (50,0%)	16
Unidade Central	1 (20,0%)	4 (80,0%)	5
Total	150 (53,2%)	132 (46,8%)	282

Fonte: FUNDAJ (arquivos)

Notas: a/ Pesquisas de iniciativa autônoma de pesquisadores da FUNDAJ, sem suporte de recursos externos específicos para o projeto.

b/ Pesquisas resultantes de solicitação de entidades externas ou de iniciativa autônoma de pesquisadores da FUNDAJ que contaram com recursos externos especificamente destinados ao projeto.

dominante dos mesmos. Isto, logicamente, depois de uma leitura de todo o rol de investigações levantadas, quando, espontaneamente, começaram a definir-se os depois fixados "grandes temas". Dessa maneira, um item como "religião" (ver Quadro 3) compreende os trabalhos cujo tema central gira em torno de aspectos vinculados à questão do sagrado na vida dos grupos sociais investigados. Mas, se o assunto religião aparecia mais na pesquisa como manifestação de símbolos, de imagens do real, a pesquisa se classificava na categoria "simbolismo, mito, imaginário". Trata-se como se pode ver, de uma taxonomia cheia de zonas de penumbra, de fronteiras imprecisas, de decisões sutis e arbitrárias, até certo ponto, por parte do autor. Mas essa é uma fatalidade de que um pesquisador social nem sempre consegue fugir. O importante é se dispor de um quadro de referência consistente para classificações necessárias. Neste particular, o Quadro 3 desempenha um papel que livra a análise aqui feita de um tratamento individual que, de outra maneira, seria dado enfadonhamente à relação das pesquisas dos quarenta anos de atividades do IJNPS-INPSO.

Fechado esse parêntesis, pode-se inferir da tabela em epígrafe que a temática prioritária de estudo dos "problemas sociais relacionados com a melhoria das condições de vida do trabalhador brasileiro, especialmente do trabalhador rural", como rezam os estatutos da FUNDAJ, não foi interpretada de modo puramente literal na experiência de trabalho do Instituto, haja vista que o Quadro 3 dá destaque apenas pequeno a itens como "problemas do trabalhador em geral" e "problemas do trabalhador rural". Entretanto, deve-se salientar que os objetivos regimentais da FUNDAJ — reproduzindo os do IJNPS — conferem prioridade também à investigação destinada "à compreensão da realidade sócio-econômica e cultural" do Nordeste e da Amazônia 16/. Neste particular, todo o elenco de tópicos exibido pelo Quadro 3 denota total relevância do trabalho de pesquisa da Fundação Joaquim Nabuco à luz de suas obrigações legais. Mas é conveniente aduzir que, dentro da instituição, sempre foi um compromisso uniforme de seus pesquisadores, efetuar estudos comprometidos com a melhoria das condições de vida das populações marginalizadas das áreas abrangidas pela entidade, aqueles grupos sociais que Gilberto Freyre enfatizava e que, na linguagem da época, chamava de "mais retardados". A ressalva que acaba de ser feita, do compromisso com a melhoria das condições

Quadro 3

INSTITUTO DE PESQUISAS SOCIAIS DA FUNDAJ: PESQUISAS REALIZADAS, POR ASSUNTO DOMINANTE — 1949-1989

Assunto	Pesquisas realizadas	
	Número	%
Diagnósticos geo-sócio-econômicos	33	11,7
Cultura e manifestações culturais	28	9,9
Educação e formação profissional	28	9,9
Políticas públicas e estudos de avaliação	21	7,4
Religião	17	6,0
Condições de vida	15	5,3
Estudos históricos	15	5,3
Dinâmica demográfica	12	4,2
Meio ambiente	12	4,2
Estudos regionais	10	3,5
Mundo (setor) informal	10	3,5
Produção, consumo, preços	10	3,5
Teoria e metodologia	10	3,5
Folclore	9	3,2
Problemas do trabalhador em geral	9	3,2
Símbolismo, mito, imaginário	8	2,8
Eleições, partidos	7	2,5
Pobreza, estratégias de sobrevivência	7	2,5
Problemas do trabalhador rural	7	2,5
Conflitos, violência e representação	6	2,1
Movimentos sociais	5	1,8
Instituições políticas	2	0,7
Tecnologia	1	0,3
Total	282	100,0

Fonte: FUNDAJ (arquivos)

de vida da população, que seria partilhada pelo pessoal de pesquisa da Fundação Nabuco, evidentemente, não passa de uma declaração de fé. O importante para a análise objetiva é saber com exatidão o que fizeram os pesquisadores em quatro décadas de atuação.

Em primeiro lugar, os pesquisadores fizeram diagnósticos geo-sócio-econômicos, como se pode ver no Quadro 3: foram 33 pesquisas desse teor, correspondendo a 11,7 por cento da produção científica do Instituto/Fundação Nabuco entre 1949 e 1989. Delas, é exemplo o trabalho, de 1983, "Transposição do rio São Francisco: a dimensão sócio-econômica", coordenado por Dirceu Pessoa, trabalho que serviu para impedir que um projeto faraônico, de discutíveis repercussões, fosse executado pelo Ministério do Interior no Nordeste 17/. Temas que vêm a seguir em número de pesquisas efetivadas são o de "cultura e manifestações culturais" (um exemplo: "Bumba-meu-boi", projeto coordenado por Hermilo Borba Filho, em 1964) e "educação e formação profissional" (um exemplo: "Observação sócio-educacional do aluno rural de Alagoas", de 1985, pesquisa coordenada por Zaide Cavalcanti), cada um apresentando 28 projetos executados (9,9 por cento do total). Ainda segundo o Quadro 3, "políticas públicas e estudos de avaliação" é o item que vem logo após, com 21 projetos empreendidos — dos quais é exemplo a pesquisa, em andamento, "O Banco Mundial e as políticas públicas urbanas no Brasil", dirigida por Alexandrina Sobreira de Moura. "Religião" é o grande tema que figura em quinto lugar no Quadro 3, com 17 projetos realizados, dos quais se poderia destacar, para fins ilustrativos, a pesquisa, de 1982, de Roberto Motta, "Terreiros de xangô e redes de ajuda mútua". Com 15 projetos executados, "condições de vida" (exemplo: o projeto "Os artesãos do Padre Cícero: condições sociais e econômicas do artesanato da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará", dirigido, em 1966, por Sylvio Rabello) e "estudos históricos" (exemplo: "Joaquim Nabuco e sua época", conduzido em 1978 por Maria Joselice Jucá) vêm logo após, seguidos, com 12 pesquisas, pelos grandes temas "dinâmica demográfica", de que é exemplo a pesquisa de 1986, "As migrações para Manaus", coordenada por Mário Lacerda e Hélio Moura, e "meio ambiente", que pode ser ilustrado pelo projeto de 1978, coordenado por Rachel Caldas Lins, "A degradação dos rios de açúcar no Nordeste oriental". Com 10 pesquisas realizadas, aparecem no Quadro 3 os tópicos "estudos

regionais”, “mundo (setor) informal”, “produção, consumo, preços” e “teoria e metodologia”. Do primeiro é exemplo a pesquisa “Nordeste do Brasil: reflexões sobre a índole de um processo vacilante”, de 1976, dirigida por Clóvis Cavalcanti; do segundo, o projeto em realização, coordenado por Socorro Pedrosa de Araújo, “Trabalhadores autônomos na prestação de serviços: o caso dos mecânicos”; do terceiro, o estudo “Quanto pagam os pobres? Estudo de comparação espacial de preços de alimentos no Nordeste do Brasil”, efetuado em 1985 por Osmil Galindo e Philip Musgrove; do quarto, o trabalho de Renato Duarte, em progresso, “Teoria e prática do desenvolvimento econômico”. “Folclore” e “problemas do trabalhador em geral” vêm a seguir, com 9 investigações feitas cada um, exemplificando-se, respectivamente, por projetos como “Alimentação e folclore” (1979), de Mário Souto Maior, e “A gestão de trabalho urbano no Nordeste” (1984), de Leonardo Guimarães Neto. “Simbolismo, mito, imaginário” é o grande tema seguinte, como 8 pesquisas, dentre as quais, “O impacto sócio-cultural sobre o regime das imagens”, executada em 1975 por Danielle Rocha Pitta. Com 7 projetos, “eleições, partidos”, “pobreza, estratégias de sobrevivência” e “problemas do trabalhador rural” destacam-se no Quadro 3. “Às eleições brasileiras de 1982: Pernambuco”, de 1983, coordenado por Joaquim Falcão e Constança Pereira de Sá, é um projeto que ilustra o primeiro destes três últimos temas. “Se essa rua fosse minha: um estudo sobre a trajetória e vivência dos meninos de rua do Recife”, de Cleide Galiza (1988) ilustra o segundo. E “O trabalhador rural volante na zona da mata de Pernambuco”, de Sebastião Vila Nova e Maria Auxiliadora Pontes (1978), o terceiro. Seis pesquisas dão o relevo logrado pelo item “conflitos, violência e representação” no Quadro 3. Entre elas, pode-se apontar o projeto “Estado e direitos humanos: a violação do direito à vida”, de 1988, coordenado por Affonso Pereira. Com 5 pesquisas feitas, figura, após, o item “movimentos sociais” (exemplo: “Na margem do lago: um estudo sobre o sindicalismo rural”, de autoria de Maria Lia Pandolfi, de 1986), seguido de “instituições políticas”, com 3 trabalhos, dentre os quais, “Sua excelência, o Comissário”, de Luciano Oliveira (1986), e de “tecnologia”, com um: a pesquisa de Renato Duarte (1985), “Viabilidade econômica de tecnologias voltadas para o desenvolvimento da pequena agricultura no semi-árido nordestino”.

5. A CONTRIBUIÇÃO DO INSTITUTO DE PESQUISAS SOCIAIS DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO: UMA AVALIAÇÃO

Se há um traço a destacar inicialmente do trabalho feito em quarenta anos de atividades de pesquisa do Instituto/Fundação Nabuco, ele talvez se traduza na abrangência dos temas tratados. E se o Quadro 3 denota essa abrangência, uma vista de olhos na relação de todas as pesquisas feitas vai salientar ainda mais tal amplitude, que pode ser tomada até como certo grau de anarquismo na delimitação do campo de investigação dos pesquisadores da instituição. A relação inclui itens como, e.g., "Religião, crença e atitude" (René Ribeiro, 1961), "A polícia na boca do povo e a percepção social do combate à violência" (Affonso Pereira, 1987), "Áreas de exceção dos sertões de Pernambuco" (Mário Lacerda, 1985), "Viabilidade do setor informal: a demanda dos pequenos serviços no Grande Recife" (Clóvis Cavalcanti, 1977), "O universitário nordestino e sua caracterização sócio-psicológica" (Ricardo Rabello, 1969), "Caracterização da educação pré-escolar no Norte e Nordeste do Brasil" (Graziela Peregrino, 1977), "O mercado consumidor de energia elétrica em face do racionamento" (Luiz Paulo Castro, Morvan Moreira e Agostinho Odísio, 1988), "História social do Seminário de Olinda" (Amaro Quintas, 1969), "Perfil atual do movimento sindical urbano de Pernambuco" (Rejane Medeiros, 1988), "Monitoria e avaliação sócio-econômica de projetos subvencionados pela **Inter-American Foundation** no Norte e no Nordeste do Brasil" (Clóvis Cavalcanti, Carlos Osório, Virgínia Botelho, Helenilda Cavalcanti e Tarcísio Quinamo, 1984), "A força de trabalho feminina na agricultura de irrigação no Nordeste do Brasil" (Lígia Albuquerque e Izaura Rufino Alves, 1988). São, todas essas pesquisas, um elenco ilustrativo do que se faz na FUNDAJ: elenco que reflete os pluralismos temáticos, metodológicos, teóricos e ideológicos praticados na instituição como plataforma de sua produção científica.

Mas a escolha dos assuntos a pesquisar não é completamente aberta. Para direcioná-la, há os objetivos institucionais da Fundação Joaquim Nabuco, inclusive o compromisso com a melhoria das condições de vida da população, e as linhas de pesquisa do INPSO. Nesse sentido, procura-se seguir também aquilo que Gilberto Freyre compendia como "obra de ciência aplicada que não importe em irresponsabilidade científica da parte dos cientistas empenhados em trabalhos

dessa espécie, quanto aos fundamentos teóricos dessas aplicações” 18/. Ou seja, os trilhos da investigação na FUNDAJ visam tanto a correspondência dos temas com as finalidades da instituição quanto a obediência a princípios idôneos, responsáveis, de aplicação da ciência. Das pesquisas empreendidas exige-se então que sejam relevantes para os propósitos da instituição e que caminhem de acordo com as regras basilares do método científico. É assim que se praticam os diversos pluralismos antes mencionados, pluralismos esses que, como salienta Maria Lia Pandolfi, tornam bastante difícil a tarefa de sistematização dos estudos realizados na FUNDAJ, de maneira a se apreenderem com precisão as linhas de análise predominantes na organização, levando à concepção de “ausência de uma reflexão globalizadora” e à “impossibilidade de se falar do pensamento da FUNDAJ” 19/. Seriam tais predicados uma deficiência do trabalho no universo nabuquiano? Essa é a questão que deve ser examinada à luz do trabalho feito e que exige, mais do que a percepção deste autor, a visão crítica de um observador externo.

Cabível no momento é acusar a visível amplitude dos temas tratados ao longo dos anos da experiência de produção científica da FUNDAJ: uma aparente falta de rumos, sintonizada, porém, com os paradigmas de trabalho da ciência através do senso de responsabilidade científica da instituição e de uma largueza de opções quanto às bases doutrinárias e metodológicas das escolhas de cada projeto, de cada pesquisador. A coluna dorsal da contribuição prestada pela Fundação Joaquim Nabuco define-se, dentro desse quadro, por intermédio da ênfase conferida à busca de conhecimento, à acumulação de evidência empírica acerca da realidade. É esse, na verdade, o fio condutor do trabalho da instituição, o tecido coeso que se percebe quando se procede a um corte transversal no acervo de trabalhos de pesquisa do IJNPS e do INPSO. A preocupação predominante em quarenta anos de investigação, constatada na consulta à lista dos projetos realizados, aponta na direção de esforços empreendidos para melhor “compreensão da realidade sócio-econômica e cultural” das regiões setentrionais brasileiras, justificando a afirmação profética de Gilberto Freyre, em 1948, de que o IJNPS — de que falava então — seria “um centro de estudo vivo, de pesquisa de campo”, à procura de um conhecimento “antropométrico, etnográfico, folclórico, sociológico e econômico” do homem regional. Atrás desse conhecimento têm andado as pesquisas da instituição. O Quadro 3 — embora nada afir-

me quanto ao conteúdo dos trabalhos que agrupa por grandes temas — pode dar uma idéia da abrangência, das muitas dimensões dos estudos efetuados. Reside aí, pelo menos no entender de alguém, como o autor desta comunicação, que vivencia o processo de trabalho da FUNDAJ, a maior contribuição dos anos de pesquisa atravessados.

Mas o Instituto/Fundação Joaquim Nabuco também tem contribuído em outras esferas da produção científica. Valaria ressaltar, nas pesquisas realizadas, pelo menos três aspectos em que essa contribuição se dá: (1) o metodológico, (2) o teórico-conceitual e (3) o temático. Pode-se questionar a natureza da contribuição, se poderia ser maior ou menor do que tem sido. Podem-se apontar imperfeições nos procedimentos adotados, nas análises feitas 20/. Mas é inegável que contribuições originais têm ocorrido e que merecem atenção. No tocante a metodologia, a pesquisa da FUNDAJ acumula larga experiência de trabalhos de campo, quer se trate de levantamentos com questionários, quer se trate de estudos de caso à maneira etnográfica, quer de observação participante e não-participante, quer dos levantamentos de paisagens comuns entre os geógrafos. Uma contribuição da FUNDAJ nesse âmbito do trabalho científico consiste em usar instrumentos de coleta desenhados de acordo com cada situação estudada. Ou seja, a recusa em uniformizar métodos, em dispor de receitas, de questionários prontos para serem aplicados. Evita-se o uso, por exemplo, de formulários com respostas fechadas, do tipo que faz o pesquisador saber previamente (ou julgar que sabe) o que vai acontecer no campo. Outra contribuição metodológica seria o privilegiamento da visão de baixo, da base da sociedade, com respeito a vários assuntos objeto de perquirição. Esse foi um procedimento adotado, por exemplo, na pesquisa de "Avaliação sócio-econômica do projeto Integrado de Nutrição e Saúde em Pernambuco" (de 1978) e na de "Avaliação do reassentamento da população rural de Itaparica" (de 1987), a primeira coordenada por Clóvis Cavalcanti e a segunda, por Maria Lia Pandolfi e Rosa Maria Amorim. O uso de estudos de caso em profundidade, paralelamente aos levantamentos via questionários, tem sido uma técnica da qual as pesquisas nabuquianas vêm se servindo e que constitui uma fonte de contribuição da entidade ao campo da ciência. Isto acontece, sobretudo, porque os pesquisadores na instituição podem permanecer longos períodos de tempo no campo, sem outra obrigação profissional exceto a de efetuar coleta de material.

Quanto ao aspecto teórico-conceitual, diversas contribuições têm despontado das atividades da FUNDAJ. Isto, na verdade, procede desde os tempos pioneiros do IJNPS. No tocante, por exemplo, ao sincretismo religioso, trabalhos como os de Waldemar Valente, René Ribeiro e, mais recentemente, Roberto Motta têm desenvolvido conceitos e interpretações que os colocam na linha de frente da compreensão dos fenômenos dos cultos e religiões heterodoxas do Brasil. Roberto Motta ainda tem contribuído para a antropologia econômica, através de sua análise sobre estratégias de sobrevivência. Dentro do próprio INPSO, esse mesmo antropólogo tem oferecido interpretações distintas das de Clóvis Cavalcanti com respeito à sociologia e economia da informalidade **21/**, um tema, aliás, onde a FUNDAJ tem feito contribuições, inclusive por ter sido pioneira no tratamento do assunto, em 1976, quando a temática ainda era pouco popularizada entre pesquisadores sociais. Sobre a visão da informalidade, Renato Duarte também tem aportado interpretação original, permitindo que se assinale o papel que a Fundação Joaquim Nabuco desempenha na busca de compreensão da problemática — uma problemática que, nas ciências sociais em geral, é foco de controvérsias e de visões polarizadas.

Na área de estudo de avaliação, igualmente têm surgido inúmeras contribuições da FUNDAJ, que vão da metodologia de investigação ao próprio entendimento do tipo de avaliação que se pede. O conceito de avaliação "orgânica", por exemplo, foi cunhado no INPSO e apresentado pela primeira vez em um seminário sobre pesquisas de avaliação em Piura, Peru (27-31 de outubro de 1986). Questões da antropologia do imaginário e dos estudos folclóricos regionais têm tido tratamento original no INPSO, da mesma forma que problemas da toxicomania. A análise de políticas públicas é outro assunto que tem atraído contribuições de pesquisadores da Fundação Joaquim Nabuco. O mesmo se dá com a sociologia da violência e a dos despachantes. O tratamento da questão ambiental figura proeminentemente como preocupação desde os primórdios do IJNPS, como o atestam diversas análises sobre a situação dos chamados rios do açúcar, de autoria de geógrafos como Gilberto Osório e Manuel Correia. O concomitante empobrecimento das populações de baixa renda nucleadas ao longo desses rios foi analisado também, com interpretações judiciosas que representam legítima contribuição ao conhecimento da realidade. No domínio da questão da pobreza, concepções como a da síndrome da falta de poder da classe pobre — desenvolvida em estudo de Constante Clark e Helenil-

da Cavalcanti — e do bloqueio da pobreza — que aparece na pesquisa, antes referida, de avaliação de projetos apoiados pela **Inter-American Foundation** — configuram um tratamento original e significativa contribuição do INPSO à ciência social. vida em estudo de Constante Clark e Helenilda Cavalcanti — e do bloqueio da pobreza — que aparece na pesquisa, antes referida, de avaliação de projetos apoiados pela **Inter-American Foundation** — configuram um tratamento original e significativa contribuição do INPSO à ciência social.

Outro ponto digno de realce do impacto da produção científica da instituição diz respeito à problemática do reassentamento de populações, tais como as de Sobradinho, de projetos de grande irrigação, da hidrelétrica de Itaparica. Neste particular, as pesquisas realizadas pela FUNDAJ têm produzido contribuições teórico-conceituais não-desprezíveis, contribuições essas aproveitadas pelo Banco Mundial e a CHESF para o desenho de novas iniciativas. A análise dos grandes problemas regionais, como a integração da economia nordestina à brasileira e a natureza do desenvolvimento da região, têm recebido contribuições do INPSO, haja vista, por exemplo, que dois dos pesquisadores do Instituto, dos mais notáveis entre os que têm estudado a realidade nordestina no seu todo — Dirceu Pessoa e Leonardo Guimarães —, foram co-responsáveis pela elaboração do documento de política para o Nordeste que integrou a plataforma de candidato a presidente de Tancredo Neves 22/. A questão da mulher, do trabalho e do cotidiano feminino, a questão da sexualidade, a educação pré-escolar são outras áreas de contribuição nabuquiana ao desenvolvimento científico, especialmente na relação desses temas com as condições de vida de população marginalizadas, tanto rurais quanto urbanas. Problemas de alimentação, encarados numa perspectiva social, juntamente com aspectos do abastecimento alimentar, do consumo, dos preços, dos orçamentos familiares, têm merecido reflexão, análise e conceitualização no âmbito das pesquisas do INPSO. As condições de vida, através do exame de dados empíricos como os manuseados por Fernando Gonçalves e Telmo Maciel, na década de sessenta, e outros mais recentes, mostram uma faceta da contribuição da FUNDAJ ao conhecimento da realidade. A questão das invasões urbanas, dos movimentos sociais ligados ao problema habitacional, como tratada por Joaquim Falcão e Alexandrina Sobreira de Moura, tem representado esforço pioneiro de entendimento da realidade, reforçando o mapeamento empírico desse mundo cheio de dificuldades do universo social da região.

A FUNDAJ é pioneira no levantamento de índices de preços ao consumidor no Nordeste, havendo para isso desenvolvido sua própria metodologia. Métodos de tratamento de variáveis demográficas para fins de projeção populacional e de efetivos da força de trabalho têm resultado das lides do Instituto, merecendo destaque as contribuições, nessa área, de Hélio Moura, Ana Amélia Camarano e Morvan de Mello Moreira. No âmbito da análise do processo produtivo e das relações de trabalho, tem havido esforços de interpretação dos fenômenos atuais, de que são exemplos investigações acerca do movimento sindical rural e urbano. No fundo, não há nada de espetacular nessa constelação de assuntos em que a FUNDAJ parece estar contribuindo para o progresso do conhecimento científico. São, na verdade, pequenas contribuições, oferecidas modestamente, mas que se somam para denotar a relevância do que se faz. A esse respeito, a contribuição da FUNDAJ no que toca ao aspecto temático, é, sem dúvida, significativa. Degradação ambiental, áreas de exceção no Nordeste (manchas férteis em meio à paisagem semi-árida), invasões urbanas, sincretismo religioso, folclore (alimentação, medicina, manifestações culturais), imaginário, economia informal, estudos de avaliação, pobreza rural e urbana, instituições e políticas públicas, movimentos sociais, força de trabalho feminino, educação pré-escolar, sexualidade juvenil, pequena produção, rumos do desenvolvimento regional, estratégias de sobrevivências — tudo isso são assuntos em que o IJNPS/INPSO tem aberto trilhas para estudo e compreensão da realidade. Há, sem dúvida, um ranço provinciano na divulgação, na disseminação de todo esse trabalho, o qual, muitas vezes, não sai do formato de relatórios datilografados escondidos em gavetas. A FUNDAJ, por exemplo, produziu um amplo estudo sobre a seca nordestina dos anos de 1979-1980, mas o material a respeito permanece inédito. Essa é uma falha da produção científica da instituição que impede melhor utilização do que nela se faz. E melhor dimensionamento, é óbvio, para quem está de fora, de sua contribuição ao conhecimento.

6. CONCLUSÕES

Não foi intenção desta comunicação apresentar uma versão triunfalista dos quarenta — ou trinta — anos de trabalho de pesquisa da Fundação Joaquim Nabuco. O tom do que foi dito anteriormente pode talvez sugerir algum triunfalismo, uma vez que, praticamente, só se tratou aqui dos aspectos positivos da vida da FUNDAJ: volume de pesquisas feitas, temas abordados, contribuições oferecidas. Evidentemente, de-

pois de quatro décadas de atuação, alguma coisa tem que ser mostrada. Todavia, só poder dispor de um painel de obra realizada efetivamente já constitui um matiz de cor tendente à elaboração de um perfil benévolo da instituição. No balanço de êxitos e percalços, considerando-se os limites impostos orteguianamente pelas circunstâncias institucionais, o saldo parece, particularmente para o observador de dentro, nitidamente positivo. Ao longo de sua vida, por exemplo, a Fundação (ou o Instituto) Joaquim Nabuco mereceu sempre apoio de entidades as mais diferentes para realizar seu trabalho, haja vista que quase a metade de seus projetos de pesquisa foi realizada com recursos que vieram de fora da instituição (ver Quadro 2) — prova incontestante do reconhecimento do valor de sua produção. Leve-se em conta, em meio a isso, que, até 1972, o IJNPS era uma organização tipo repartição pública tradicional, sem expediente duplo e com salários que não atraíam pesquisadores para dedicação exclusiva. Mesmo assim, antes disso, mais de cinqüenta pesquisas (ver Quadro 1) foram realizadas, o ritmo tendo conhecido acentuado aumento nos anos posteriores, mesmo só tendo se regularizado a situação salarial dos pesquisadores, em níveis condizentes, a partir de 1980.

Privilegiando a **inter**, a **multi** e a transdisciplinaridade, a Fundação Joaquim Nabuco tem sido responsável por um rol de pesquisas efetuadas que envolve amplo leque temático e que tem como eixo a dupla preocupação de melhoria das condições de vida do trabalhador e de melhor compreensão da realidade econômica e social do Norte e do Nordeste do Brasil. Essa, na verdade, era a visão preconizada por Gilberto Freyre quando, em 1948, propôs que a instituição fosse criada como centro de estudo vivo do homem regional. Na direção desse compromisso, 282 pesquisas foram levadas a efeito em quarenta anos de trabalho, sempre com o máximo respeito à liberdade de pensar e de criar do pesquisador — condição que inclusive prevaleceu nos mais negros tempos do regime militar **23/**. Isto favorece a que se desenvolvam pluralismos teóricos e metodológicos na instituição, sem que se possa, em sã consciência, afirmar que o resultado seja uma salada desprovida de valor. Na verdade, não há uma forma específica de pensar e de ler a realidade da Fundação Joaquim Nabuco (daí por que soa estranho que se lhe atribua de vez em quando a pecha de conservadora). Isto, antes de ser uma fórmula anárquica, uma salada condenável, parece, ao contrário, sintoma de vitalidade e de compromisso com o saber

autêntico, sem demagogias, sem unilateralismos, sem imediatismos: compromisso também com um modelo democrático de convivência.

Gravatá — Apipucos, set. 89.

Notas

- 1/ A história da Fundação Joaquim Nabuco começa em 1949, com a aprovação pelo Congresso Nacional do projeto de lei (apresentado em 1948) do então deputado Gilberto Freyre, mais tarde sancionado pelo presidente Eurico Dutra, criando o IJNPS. Tendo funcionado sempre à maneira de uma autarquia, o IJNPS foi transformado, depois de sucessivas tentativas nesse sentido, em Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), fato que ocorreu em junho de 1980. Vale salientar o caráter de instituição estabelecida pelo Parlamento que a Fundação representa, peculiaridade que não é comum nas organizações governamentais de pesquisa no Brasil, geralmente originadas de iniciativa do Executivo.
- 2/ Em 1966, ainda sem pertencer aos quadros da instituição, fui convidado pelo diretor executivo Mauro Mota a escrever um relatório de pesquisa a partir de material que o Instituto havia coletado, do qual resultou a publicação, de minha autoria, **O Mercado de Pescado do Grande Recife** (Recife, IJNPS-SUDENE, 1970). Em seguida, Mauro Mota me pediu para fazer o mesmo com relação a um levantamento executado pelo pesquisador José Marcelino da Rosa e Silva Neto, que falecera antes de começar a escrever o correspondente relatório. Com a colaboração do economista Dirceu Pessoa, produzi o texto, em seguida publicado com o título **Vale do Moxotó: Análise Sócio-Econômica de uma Bacia de Açude Público** (Recife, IJNPS-DNOCS, 1970). Ainda atendendo a convite de Mauro Mota, assumi a direção do Departamento de Economia do IJNPS em outubro de 1967, aí permanecendo até outubro de 1970, quando passei a ter dedicação exclusiva na UFPe. Chamado por Fernando Freyre, que havia sucedido a Mauro, retornei ao IJNPS em janeiro de 1973 para reassumir a direção do Departamento de Economia. Em 1980, com a criação do INPSO dentro da FUNDAJ, assumi, a convite de Fernando Freyre, a superintendência do INPSO, na qual ainda me encontro agora (set. 1989), depois de uma breve saída em 1986 (maio a agosto).
- 3/ O primeiro objetivo da Fundação Joaquim Nabuco (e que era também o compromisso central do IJNPS) consiste em "estudar os pro-

blemas sociais relacionados com a melhoria das condições de vida do trabalhador brasileiro, especialmente do trabalhador rural". Ver o texto da Lei nº 6.687, de 17 de setembro de 1979, que autoriza a instituição da FUNDAJ (art. 4º, inciso I).

- 4/ A primeira vez em que isso aconteceu foi com a pesquisa, patrocinada pelo Grupo Gerdau, que se transformou no livro de Gilberto Freyre, **Ferro e Civilização no Brasil** (Recife e Rio de Janeiro, Fundação Gilberto Freyre e Editora Record, 1988). O projeto da pesquisa, por mim coordenado, começou quando Gilberto Freyre, a quem fora solicitado o estudo, já passava dos 80 anos. Meu trabalho de coordenador, no caso, foi mais de natureza administrativa e se deveu a insistente solicitação de Gilberto Freyre, que, modestamente, se considerava desinformado para a tarefa que lhe encomendara o Grupo Gerdau.
- 5/ Ver, por exemplo, Marcos Vinícios Vilaça, **Em Torno da Sociologia do Caminhão** (Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1961). Ver também Paulo Frederico Maciel, **Um Informe sobre Alguns Problemas do Nordeste** (Recife, MEC-IJNPS, 1956); Renato Carneiro Campos, **Folhetos Populares da Zona dos Engenhos de Pernambuco** (Recife, MEC-IJNPS, 1957); Mauro Mota, **Paisagens das Secas** (Recife, MEC-IJNPS, 1958); J.M. da Rosa e Silva Neto, **Contribuição ao Estudo da Zona da Mata em Pernambuco** (Aspectos Estruturais e Econômicos da Área de Influência das Usinas de Açúcar) (Recife, MEC-IJNPS, 1966).
- 6/ Escapou de sumiço apenas a parte referente ao quadro natural da pesquisa. Ver, a propósito, Rachel Caldas Lins, **Bacia do Parnaíba: Aspectos Fisiográficos** (Recife, MEC-IJNPS, Série Estudos e Pesquisas, 1978).
- 7/ Em 1956, sete anos depois de fundado, o IJNPS "funcionava apenas com sete servidores, contando-se o motorista e o contínuo". Cf. Mauro Mota, **Cara e C'roa** (Recife, Edição do Autor, 1974), p. 17.
- 8/ Exemplos: "Os rios do açúcar" (1956-1957), com a participação dos geógrafos Gilberto Osório de Andrade e Manuel Correia; "Natalidade e mortalidade em áreas pernambucanas" (1958), sob a coordenação de Antônio Carolino Gonçalves; "Alagados, mocambos e mocambeiros" (1960), dirigido por Daniel Uchoa Cavalcanti; "Migrações para o Recife" (1960), com a participação de vários pesquisadores.
- 9/ Uma das exceções era a Comissão (depois Conselho) de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco. (CODEPE, mais tarde, CON-

DEPE), que chegou a trazer em 1954 o Padre Joseph Lebet, fundador da escola ou grupo de "Economia e Humanismo", a Pernambuco (a CODEPE pertencia ao Governo do Estado), para orientar trabalhos. Mas esse órgão estava mais voltado para a atividade de planejamento.

- 10/ Mauro Mota, em **Cara e C'roa, op. cit.**, pp. 33-45, lista 111 trabalhos, realizados no período 1956-1970, como sendo de pesquisa. Sua relação, na verdade, inclui vários itens que, de forma alguma, merecem a classificação de pesquisa social. É o caso, por exemplo, de Clóvis Cavalcanti, "A Orientação do Processo de Substituição de Importações no Sentido da Demanda e o Problema da Escolha de Tecnologias"; incluído como o item 85 da lista de Mauro Mota, e que foi, de fato, um artigo publicado no **Boletim Econômico da SUDENE**, v. IV, nº 1, out./dez. 1968, pp. 100-115. Entre 1956 e 1970, ao invés de 111, teriam sido 47 as **major researches**, como expõe o Quadro 1.
- 11/ Departamentos que sempre existiram na estrutura da FUNDAJ são os de Antropologia, Economia, Estatística Aplicada (originalmente, chamado apenas de Estatística) e Sociologia. O de Geografia (atualmente, Ciências Geográficas), data ainda da época do IJNPS, enquanto o mesmo ocorre com o de Educação. Este, em 1976, foi incorporado ao IJNPS, por transformação do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, passando a ocupar o lugar do Departamento de Psicologia Social, então extinto. O Departamento de História Social desapareceu com a transformação do IJNPS em FUNDAJ, ocasião em que se criou o de Ciência Política. E em que a figura da Unidade Central ou Superintendência do INPSO, fez sua aparição.
- 12/ "Discurso Pronunciado pelo Deputado Gilberto Freyre no Dia 4 de Dezembro de 1948, Justificando a Criação do Instituto Joaquim Nabuco", in **Boletim do Instituto Joaquim Nabuco** (v. 1, nº 1, 1952), p. 6.
- 13/ **Idem, ibidem.**
- 14/ **Idem, p. 11.**
- 15/ Em 1989, tais linhas são as seguintes: (1) condições de vida, pobreza e marginalidade, (2) força de trabalho, (3) Estado e políticas públicas, (4) instituições políticas e democracia, (5) dinâmica demográfica e implicações sócio-econômicas, (6) meio ambiente e sociedade, (7) conjuntura econômica e realidade social, (8) identidade cultural, (9) uso da terra, produção agrícola, organização agrária, (10) educação e trabalho, (11) movimentos sociais e conflitos.
- 16/ Lei nº 6.687, de 17 de setembro de 1979, que autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Joaquim Nabuco e dá outras providên-

cias (art. 4º, inciso II). Nessa lei, a área de atuação da FUNDAJ compreende as regiões brasileiras do Norte e do Nordeste.

- 17/ Ver Dirceu Pessoa (coord.) e Osmil Galindo (org.), **Transposição do Rio São Francisco: A Dimensão Sócio-Econômica** (Recife, Fundação Joaquim Nabuco — Editora Massangana, 1989).
- 18/ Gilberto Freyre, "Prefácio", in J.M. da Rosa e Silva Neto, **op. cit.**, p. 9.
- 19/ Maria Lia Corrêa de Araújo Pandolfi, "A Pesquisa Rural na Fundação Joaquim Nabuco", texto apresentado no seminário "Os caminhos da pesquisa rural no Brasil" (Recife, Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 17-18 de agosto de 1987).
- 20/ Uma área certamente carente nas pesquisas da Fundação Joaquim Nabuco é a dos processos de amostragem adotados para levantamentos de dados através de questionários junto a universos vastos. Sente-se aí a necessidade de melhor treinamento do INPSO em teoria amostral, inclusive no tocante ao desenvolvimento de métodos que se adicionem aos que mais comumente se praticam, nem sempre aplicáveis a casos concretos como os que a FUNDAJ tem que manusear.
- 21/ Cf. Clóvis Cavalcanti, "Economia Oculta, Pequena Produção, Mercado Informal ou Circuito Inferior: Tentativa de Precisar um Conceito para o Setor Informal", **Ciência e Cultura** (v. 39, nº 5|6, maio/jun. 1987), pp. 499-504.
- 22/ Ver Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral do Estado de Minas Gerais-Fundação João Pinheiro, **Um Reexame da Questão Nordestina** (Belo Horizonte, 1984).
- 23/ Pessoalmente, em 1969, estando ameaçado de ser incluído numa lista de professores cassados da UFPe, avisei Mauro Mota, meu superior no IJNPS, das dificuldades que poderia ter de enfrentar, talvez até sendo obrigado a demitir-me do Instituto. O poeta de **Elegias** e geógrafo ofereceu-me, em contrapartida, todo apoio e meu trabalho seguiu absolutamente normal.

